

## MARCAS DE AFRICANIA NAS AMÉRICAS, O EXEMPLO DO BRASIL

YEDA PESSOA DE CASTRO<sup>1</sup>

**Resumo:** O termo *africanias* designa o legado linguístico-cultural negroafricano nas Américas e no Caribe que se converteu em matrizes partícipes da construção de um novo sistema cultural e linguístico que, no Brasil, se identifica como brasileiro. Esse legado deve-se, sobretudo, aos falantes bantu de línguas angolanas pela sua prevalência no tempo, maior densidade populacional e larga distribuição humana naqueles territórios sob domínio colonial e escravocrata. A consequência mais direta desse contato multicultural e linguístico foi a alteração da língua portuguesa na antiga colônia sulamericana, o que deu ao Português do Brasil um caráter próprio, diferenciado do Português de Portugal, e proporcionou a emergência das línguas crioulas na esfera afroeuropéia do *Caribe* Insular, Continental e no dialeto Gullah do Sul dos Estados Unidos. Nesse processo, merece destaque a atuação da mulher negra na casa senhorial e a inserção dos aportes lexicais negroafricanos no português do Brasil que enriquecem o universo simbólico da língua portuguesa como um todo.

**Palavras chaves:** Africaniais. Línguas angolanas. Línguas crioulas. Mulher Negra. Aportes negroafricanos.

### O termo africanias

O termo *africanias* para designar o legado linguístico-cultural negroafricano nas Américas foi construído no mundo acadêmico pelo grupo de pesquisadores da Cátedra UNESCO de Estudos Afro-Ibero-Americanos da Universidade Alcalá de Henares, na Espanha, em 1994, liderado, então, pelo cientista político Luis Beltrán. No Brasil, passou a ser divulgado pelo Núcleo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Culturas –

---

<sup>1</sup> Etnolinguista, Doutora em Línguas Africanas, Consultora Técnica em Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e Membro da Academia de Letras da Bahia. Pertence ao GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, ao Comitê Científico Brasileiro do Projeto Rota do Escravo da UNESCO e ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN em Línguas e Culturas Africanas. Autora de *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* e *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do séc. XVIII*.

NGEALC , criado em 2007 na Universidade do Estado da Bahia, através da sua Revista eletrônica bimestral *Africanias.com*, em 6ª. edição.

O número inaugural (2011) foi aberto com uma introdução intitulada "A razão de ser" inspirada em uma definição da saudosa antropóloga colombiana Nina Friedmann em "Cabildos negros, refugios de africanias en Colombia" (Revista Montalbán, Universidad Católica Andrés Bello, 1988):

"Podemos entender marcas de africanias como a bagagem cultural submergida no inconsciente iconográfico do contingente humano negroafricano entrado no Brasil em escravidão, que se faz perceptível na língua, na música, na dança, na religiosidade, no modo de ser e de ver o mundo, e, no decorrer dos séculos, como forma de resistência e de continuidade na opressão, transformaram-se e converteram-se em matrizes partícipes da construção de um novo sistema cultural e linguístico que se identifica como brasileiro." (Yeda Pessoa de Castro, *Africanias.com*, 2011).

### **O legado linguístico cultural**

Considerando a definição da conceituada linguista angolana Amélia Mingas (2008) de que "a língua substancia o espaço de identidade e identitário de um povo", esse legado linguístico-cultural, que se estende a outras Nações Americanas e ao Caribe, deve-se aos falantes bantu de línguas angolanas pela sua prevalência no tempo, maior densidade populacional e larga distribuição humana naqueles territórios que foram submetidos ao domínio colonial e escravocrata.

Entre eles, o Brasil onde Angola está no DNA da modalidade brasileira da língua portuguesa e nas manifestações de sua cultura que tem a musicalidade do SAMBA e o jogo-luta da CAPOEIRA como símbolos de brasilidade. Por sua vez, o mesmo se passou com os ritmos dançantes caribenhos que também são de base angolana, a exemplo da *rumba* e do *mambo* compreendidos como símbolos de identidade nacional cubana, assim como veio a ser o *calypso* em Trinidad e Tobago e o *tango* na Argentina.

No entanto, se as vozes dos quatro milhões de indivíduos que foram trasladados para o Brasil ao longo de quatro séculos consecutivos não tivessem sido caladas em sua História, por descaso e preconceito acadêmico, não haveria mais dúvida, por parte de linguistas e filólogos

não só brasileiros, de que a consequência mais direta daquele tráfico foi a alteração da língua portuguesa na antiga colônia sulamericana, como de fato aconteceu com os falares caribenhos da esfera de influência afroeuropéia. Essa alteração se fez sentir em todos os setores, léxico, semântico, prosódico, sintático e, de maneira rápida e profunda, na língua falada, o que deu ao Português do Brasil um caráter próprio, diferenciado do Português de Portugal e proporcionou a emergência das línguas crioulas de base francesa, inglesa, portuguesa ou holandesa no *Caribe* Insular e Continental e no dialeto Gullah do Sul dos Estados Unidos (Cf. TURNER, 2000).

Submergidas no inconsciente iconográfico daquele numeroso contingente de falantes bantu, aquelas vozes se mostram perceptíveis na fonologia e na estrutura morfossintática do português do Brasil, fenômenos esses que coincidem com os registrados por Marques(1985) e MIngas(2000) no português de Angola. Entre eles:

- a pronúncia rica em vogais:  
*ri.ti.mo* x rit.mo, *a.di.vo.ga.do* x ad.vo.ga.do, *pi.neu* x pneu,
- a tendência a marcar o plural dos substantivos, quando em posição pré-nominal, apenas nos determinantes: os menino(s), as casa(s),
- o uso da dupla negação: “ **Não** quero **não**”.
- o emprego preferencial pela próclise: “ Eu **lhe** disse: **me** dê o livro”
- o uso da preposição **em** com verbos de movimento. “Fui em/**na** escola”,
- o uso dos pronomes dativos e acusativos com as mesmas formas; “Eu **lhe** vi”, “Eu **lhe** conheço”, “Eu **lhe** dei”.

No entanto, elas se revelam de maneira inequívoca nas centenas de aportes lexicais que foram e ainda são apropriados como patrimônio linguístico do português do Brasil em diferentes níveis socioculturais de linguagem, a enriquecerem o universo simbólico da língua portuguesa como um todo.

## Os aportes

Embora de tradição já firmada na linguística moderna, preferimos não falar de empréstimo devido ao “seu cunho eufemístico, ou melhor, por sua extraordinária polidez”

como o qualificou o filólogo brasileiro Said Ali (1957:183). Trata-se da apropriação e integração de contributos linguístico e socioculturais negroafricanos inscritos na configuração da modalidade do português brasileiro e na linguagem corrente dos falares caribenhos, por meio de um processo contínuo de importação onde o alcance do significado do termo *aporte* é mais apropriado por ser muito mais amplo do que o atribuído ao termo empréstimo.

São marcas lexicais portadoras de elementos culturais compartilhados por toda a sociedade, que, no Brasil, transitam no âmbito de todas as áreas do conhecimento, com predominância das línguas angolanas da zona H de falas kimbundu e kikongo, e da zona R, de fala umbundu, na classificação de Güthrie (1948).

Exemplos:

- Recreação - *samba, capoeira, maculelê,*
- Instrumentos musicais -*marimba, berimbau, cuíca,*
- Culinária - *mocotó, moqueca, mungunzá, canjica,*
- Religiosidade -*candomblé, macumba, umbanda, catimbó,*
- Poéticas orais - os *tutus* dos acalantos, o *tindolelê* das cantigas de roda,
- Doenças - *caxumba,*
- Flora - *dendê, maxixe, jiló, moranga, andu,*
- Fauna - *camundongo, minhoca, caçote, marimbondo, mingongo,*
- Usos e costumes - *cochilo, muamba, catimba,*
- Ornamentos - *miçanga,*
- Vestes - *tanga, sunga, canga,*
- Habitação - *cafofo, muquiço,*
- Família - *caçula, babá,*
- Corpo humano - *bunda, banguela, capenga,*
- Objetos fabricados - *caçamba, tipóia, moringa,*
- Relações pessoais de carinho - *xodó, dengo, cafuné,*
- Insultos - *xingamento, sacana, lelé,*
- Mando - *bamba, capanga,*
- Comércio - *quitanda, bufunfa.*

Na medida em que a profundidade sincrônica revela uma antiguidade diacrônica, esse vocabulário de base angolana está completamente integrado ao sistema linguístico do português, de onde formam diferentes derivados com seus prefixos e sufixos, o que configura mais um testemunho da ancianidade da presença banto e amplitude alcançada pela sua distribuição humana em território colonial brasileiro. Entre outros exemplos:

- *Samba, sambar, sambista, sambador, sambódromo* de “kusamba”,
- *Xingar, xingamento, xingaço* de “kushinga”,
- *Molambo, molambento, esmolambar, esmolambado* de “mulambu”,
- *Cochilo, cochilar, cochilada* de “kukoshila”,
- *Quizila, enquizilar, em quizilado* de “kizila,
- *Quilombo, quilombola, aquilombar, aquilombamento* de “kilombo”,
- *Cancomblé, candomblezeiro, candomblecista* de “kandombele”.

Nessa mesma categoria encontram-se os aportes associados ao tempo da escravidão (*senzala, quilombo, banguê*), alguns já obsoletos (*banzo, mucama, munjolo*) e outros também correntes em Portugal (*moleque, carimbo*), em meio à centena de vocábulos para designar elementos novos tangíveis então introduzidos no falar corrente do trato diário do português com os cativos domésticos, em um ambiente onde o isolamento social e territorial em que foi mantida a colônia portuguesa das Américas até 1808 quando da instalação da Família Real Portuguesa no Rio de Janeiro, condicionou um aspecto de vida propenso à aceitação de aportes culturais mútuos e de interesses comuns, particularmente no âmbito da família colonial, graças à atuação socializadora dos “*escravos de jó que jogavam caxangá*” na conhecida brincadeira infantil, hoje usada por educadores como exercício lúdico para crianças em diversas escolas brasileiras.

Cf. A versão corrente:

“ Escravos de jó, jogavam caxangá  
Tira, mexe, deixe o jambelê ficar  
Guerreiros com guerreiros  
fazem zigueziguezá “

Nesse contexto, *jó* é a forma substantiva do termo kimbundu “*njo* ou *jinjo*” que quer dizer casa e o conjunto dos seus moradores, enquanto *jambelê* ou *zambelê* é o escravizado de um tutor (Cf. COELHO, 2010:179) Já *caxangá*, provavelmente de *kalaha*, o mais antigo dos *mancalas*, originalmente um jogo de tabuleiro de sementeira e de contagem e captura, muito popular na África, conhecido em Angola por *kiela* (CAMPOS, 1998).

Também no Caribe, mesmo em países como o Haiti, onde a herança cultural daomeana é muito presente, no apelido Papa Doc do ditador Francois Duvalier, que era médico de profissão e fazia uso de preceitos vodunistas, o termo *Doc*, provavelmente é o vocábulo bantu “*ndoki*”, médico-curandeiro, que foneticamente se confunde e passa como forma reduzida da palavra “*docteur*” em francês, língua oficial do país. Para reforçar tal hipótese, ele espalhou o medo com os lendários “*zumbis*” (mortos-redivivos), termo angolano corrente nas Américas e usava os serviços dos sanguinários “*tontons macutes*”, os bichos-papões. No Brasil, “*ndoki*”, com o mesmo significado, faz parte do vocabulário cultural dos *candomblés* de tradição congo-angola na Bahia (Cf. CASTRO, 2005).

### **a mulher negra**

Na intimidade do contexto doméstico e familiar da casa senhorial, o desempenho sociolinguístico da mulher negra na função de ama-de-leite, criadeira ou *babá* e dama de companhia ou *mucama* das sinhazinhas, de quem eram confidentes e companheiras, foi tão marcante que até hoje o filho mais jovem da família brasileira é chamado pelo termo angolano *caçula* em lugar de *benjamim*, como se diz em português (o Word, na sua versão brasileira, reconhece apenas como nome próprio), e tratado carinhosamente como *o dengo da família* uma evidência, entre muitas, que nos leva a concluir que a mulher negra angolana, entre outras, tornou-se figura emblemática da grande mãe ancestral dos brasileiros. Por sua vez, as cozinheiras ou *quituteiras* usavam o *azeite de dendê* na culinária das casas senhoriais preparando as famosas *muquecas*, até mesmo de pratos portugueses de bacalhau, que se tornaram marcas identitárias da cozinha brasileira na Bahia.

Ainda, neste momento, outros termos angolanos, notadamente do kikongo e do kimbundu, como nos casos anteriores, deixaram fora de uso na linguagem corrente brasileira os seus equivalentes em português, a exemplo de *moringa* em lugar de bilha, *capenga* por

coxo, *cachaça* por aguardente, *cochilar* por dormir, *dendê* por óleo de palma, *molambo* por trapo, marimbondo por vespa, *denço* por mimo, *caxumba* por trasorelho, *xingar* por insultar, *lengalenga* por enganação, *babatar* por tatear, bunda por rabo, cessar por peneirar.

## A memória das vozes

Mas onde ficou a memória recordação dessas vozes, uma vez que nenhuma língua africana é mais falada como língua plena nem no Brasil nem no Caribe?

- Em falares especiais de comunidades negras rurais brasileiras que utilizam um sistema lexical de maioria umbundu. Entre elas, as chamadas “Língua de Preto da Tabatinga” (QUEIROZ, 1988), a “Língua de Banguela” no cântico dos *vissungos* no estado de Minas Gerais (CASTRO, 2008) e a “Língua Kupopiá do Cafundó” em São Paulo (VOGT, 1996).

- No Caribe, essas vozes provocaram a emergência das línguas crioulas de base africana e, na Colômbia, o falar de base kikongo-kimbundu do Palenque de São Basílio (FRIEDMAN, 1988).

- No Brasil e no Caribe, a exemplo de Cuba, ficaram resguardadas na linguagem cultural das religiões de matrizes negroafricanas onde elas ressoam com maior intensidade através de um repertório linguístico de base africana diferenciado, que serve como marca identitária sociorreligiosa do grupo, seja ele de tradição ewe-fon ou daomeana dos *voduns*, dos *orixás* yorubanos ou dos *inkisis* congo-angola.

<b>Cuba</b>	<b>Brasil</b>	<b>Origem</b>	<b>Línguas</b>
Santeria ou Regla de Ocha	Candomblé Nagô-Ketu	Nigéria/Benin	Yorubá
Palo ou Regla de Palo Monte	Candomblé Congo-Angola	Congo/Angola	Bantu
Arará	Candomblé Mina-Jeje	Togo/ Benin	Ewe-Fon

Linguagem cultural

<i>Candomblé</i>	<i>Mina-Jeje</i>	<i>Nagô-Ketu</i>	<i>Congo-Angola</i>
Deus	Hunsó	Olorum	Zambi
Santo	Vodum	Orixá	Inkisi
mãe-de-santo	Humbono/ Doné	Yalorixá	Mameto/ Nêngwa
pai-de-santo	Doté	Babalorixá	Tateto/ Tata
Iniciado	Vodunsi	Yaô	Muzenza
O mais velho	Ebome	Ebome	Makota
leigo	Betó	kosi	abantó/ abantu
templo/terreiro	Hondemo	Ilê	unzó/ kanzuá
santuário	Peji	(peji)	bakisi
<i>Origem</i>	<i>Gbe (Ewe-Fon)</i>	<i>Yorubá</i>	<i>Bantu</i>

Tal repertório, transmitido por tradição oral e apoiado em um tipo consuetudinário de comportamento bem conhecido dos participantes por experiência pessoal, é fonte permanente dos aportes negroafricanos no português do Brasil, a partir da frequência com que são usados no falar cotidiano da gente do culto e popularizados através da mídia por compositores da Música Popular Brasileira e de entidades sócio-carnavalescas, além de telenovelas produzidas no Brasil com temas regionais.

Destarte, suas composições divulgam termos tirados do contexto sagrado e esvaziados com extensão de sentido quando apropriados pelo português brasileiro. A exemplo da palavra *axé*, o fundamento sacrossanto dos candomblés de tradição yorubana que passou a ser popularizado como saudação votiva de boa-sorte e a denominar um estilo de música dançante criado, na Bahia, nos anos 80, conhecido internacionalmente como *axé-music*, com milhares de admiradores, apelidados de *axezeiros*.

### **As origens**

Calcula-se que a maioria dos 75% dos quatro milhões de indivíduos trazidos pelo tráfico transatlântico da região subsaariana para o Brasil era proveniente de territórios do Kongo e do Ndongo (SILVA, 2002) que, na imaginação popular, vinham de Aruanda, a África mítica, morada dos deuses e dos ancestrais, como é invocada nos cânticos cultuais e da capoeira. Do começo do tráfico, século XVI até o seu final, século XIX, foram distribuídos



por todo o território brasileiro que exigia trabalho forçado nas mais diversas atividades, e, a partir do século XVIII, em número relativamente menor, mas igualmente importante, começaram a se juntar aos falantes de kikongo e de kimbundu os de fala umbundu de Benguela, que foram dirigidos em grande parte para os trabalhos de garimpagem em Minas Gerais (Cf. os *vissungos*).

Como testemunho dessa presença majoritária, a mais antiga gramática do kimbundu, *A Arte da língua de Angola*, publicada, em Lisboa, em 1697, foi escrita na cidade da Bahia pelo missionário Pedro Dias para uso dos jesuítas como meio de facilitar a doutrinação dos 25.000 “etíopes”, segundo o padre Antonio Vieira, que viviam naquela cidade, sem falar português (Cf. Silva Neto, 1963:82). No entanto, acreditamos nós, não necessariamente falando apenas kimbundu, desde quando poderiam ter sido embarcados em Luanda, mas trazidos de várias regiões da atual Angola. Situação semelhante, deve ter ocorrido no mesmo século no Quilombo de Palmares, o mais duradouro e importante dos quilombos brasileiros, proporcionando o desenvolvimento de um falar de base kimbundu-kikongo, a deduzir pelos títulos de seus líderes maiores, Ganga Zumba, Zumbi, Dandara, e dos seus principais aldeamentos, Osengo, Macaco, Andalaquituxe, além da própria denominação quilombo. Ainda no século XVII, na cidade da Bahia, o poeta barroco Gregório de Matos e Guerra testemunha essa marcante presença com bantuisismos e no campo religioso ao satirizar o que ele chama de “mestres do cachimbo liderando cerimônias de *calundus* e feitiço em *quilombos* superlativos”, ou seja, no que passou a ser conhecido no Brasil como candomblé-de-caboclo.

Esses mestres bem poderiam ser os chamados *pretos-velhos* ou *baculos* em Angola, representados pela figura de negros idosos que teriam vivido a escravidão no Brasil, recebendo apelidos que parecem remontar à sua origem bantu, Pai Joaquim do Congo, Pai José de Aruanda e um modo de falar marcando palavras, também em português, pelo morfema inicial /zi-/, um antigo demonstrativo que subsiste opcionalmente na classe 10 em kikongo ( em kimbundu / ji- /), a exemplo de *zifiu* (filho), *ziterrero* (terreiro), *ziminino* (menino), *zifulô* (flor) (Cf MEEUSSEN, 1967). São entidades muito populares nas celebrações conhecidas por candomblé-de-caboclo, onde os *caboclos*, denominação para o indígena brasileiro, são reverenciados como os donos-da-terra do Brasil, um fato que nos leva a admitir que essas celebrações podem ser as mais antigas manifestações de religiosidade afrobrasileira nascidas na escravidão, resultado do encontro e aceitação de orientações

religiosas ameríndias do tronco tupi e africanas de matriz bantu com o cristianismo. Outra evidência desse primevo contato com nativos brasileiros está no dialeto caipira falado no interior de São Paulo, considerado de base kimbundu-tupi pelos estudiosos (AMARAL, 1920).

## **O português do Brasil**

No entanto, na inevitabilidade desse processo de interpenetrações culturais e linguísticas e em resistência a ele, as vozes bantu ressoaram sobre todas a impor alguns dos mais significativos valores e traços expressivos do seu patrimônio cultural e linguístico na construção da língua portuguesa do Brasil, em razão de uma confluência de motivos favoráveis de natureza extralinguística e de ordem linguística.

Por extraordinária coincidência, no confronto continuado do português com falantes de línguas angolanas, majoritários à época, em lugar de provocar um conflito por falta de inteligibilidade entre seus utentes, donde a necessidade de comunicação faria emergir um outro falar, um crioulo, como se verifica no Caribe, ocorreu um movimento de africanização do português, por um lado, e, por outro, a imantação pelo português das línguas negroafricanas em razão de semelhanças fonológicas e morfossintáticas casuais, mas notáveis, entre o português arcaico e as línguas bantu, também em seu aspecto arcaizante.

Entre essas semelhanças, na fonologia, o sistema de sete vogais orais, atestadas no protobantu e a estrutura silábica predominante consoante vogal (CV), onde não há sílaba fechada por consoante (\*falá por falar, \*Brasiu por Brasil, \*rí.ti.mo por rit.mo, \*pi.neu por pneu), fazendo com que se observe a conservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona (menino > \*me.ni.nu), o que proporcionou a continuidade do tipo prosódico de base vocálica do português antigo na modalidade brasileira, afastando-a do português de Portugal de pronúncia muito consonantal. O português europeu atual tende a pronunciar apenas a vogal central (\*m.nin , me.ni.no), criando grupos consonantais impronunciáveis na fonotática brasileira.

<i>Anterior</i>	<i>Central</i>	<i>Posterior</i>		<i>Anterior</i>	<i>Central</i>	<i>Posterior</i>
<i>u</i>		<i>i</i>	1º grau	<i>u</i>		<i>i</i>
<i>ô</i>		<i>ê</i>	2º grau	<i>ô</i>		<i>ê</i>
<i>ó</i>		<i>é</i>	3º grau	<i>ó</i>		<i>é</i>
	<i>a</i>		4º grau		<i>a</i>	

Diante dessa proximidade relativa e provavelmente de outras ainda encobertas por falta de pesquisas mais acuradas nos demais campos de estudos linguísticos sobre a constituição do português brasileiro, venham-se somar as alegações extralinguísticas vigentes de vária ordem para explicar, de maneira convincente, as razões do português do Brasil ter-se afastado do português de Portugal, como também de não haver sucedido um falar crioulo como segunda língua no Brasil e de línguas africanas não serem mais faladas como línguas plenas em território brasileiro.

Não podemos ignorar o fato de que o português foi imposto a uma população majoritária de falantes negroafricanos por mais três séculos consecutivos e o Brasil, hoje, possui a maior população de descendência negroafricana concentrada fora do continente africano. Por outro lado, coincidentemente, em Angola e Moçambique onde, a exemplo do Brasil, foram as mesmas línguas que entraram em contato, não se registram falares crioulos do português, ao contrário do que se observa em Cabo Verde e na Guiné Bissau, países onde o português entrou em contato com línguas tipologicamente distintas das línguas do grupo bantu e de estruturas morfossintáticas diferenciadas do português (Cf. MARQUES, 1985; MINGAS, 2000; GÄRTNER, 2001).

Sem esquecer da parcela de interferência das línguas indígenas brasileiras, geograficamente mais localizada e menos extensa, não há, portanto, como negar a dimensão e amplitude da interpenetração das línguas negroafricanas com a língua portuguesa na formação do Português do Brasil e o desempenho dos falantes angolanos como os principais agentes transformadores e difusores da sua modalidade em território brasileiro sob regime colonial e escravista. Na voz majoritária de um contingente trazido dos reinos do Kongo e do Ndongo, o Brasil africanizou o português de Camões pelo fato de uma longa convivência e

apropriou-se do *samba* como símbolo de identidade nacional. No entanto, esvaziou o seu conteúdo religioso original de *rezar, orar*, na celebração congo-angolana, para tornar-se um gênero musical dançante contagiado pela cadência rítmica e gestual do *semba*, semelhante à dança rural da umbigada no Brasil.

**Esboço da distribuição territorial do contingente africano no Brasil**



Neste plano de compreensão, como primeira instância para o ensinamento de outras línguas africanas e suas culturas, a Universidade do Estado da Bahia, embora não concretizado até agora por razões operacionais de várias ordens, firmou convênio, em 2012, com a Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto para o oferecimento de Kikongo e de Kimbundu entre as línguas estrangeiras que ali são ministradas. Os objetivos implícitos nessa decisão buscam alargar e aprofundar o conhecimento das línguas negroafricanas no Brasil, “a fim de dar a merecida relevância à contribuição africana para a consolidação identitária brasileira”, como afirmou Amélia Mingas em correspondência pessoal, tendo em vista o fato de que três famílias linguísticas deram origem ao português brasileiro:

- A FAMÍLIA INDO-EUROPÉIA que teve origem entre a Europa e a Ásia, da qual fazem parte as línguas Românicas, entre elas a língua Portuguesa,
- A FAMÍLIA DAS LÍNGUAS AMERÍNDIAS TUPI, que se espalha pela América do Sul,
- A FAMÍLIA NÍGERO-CONGOLESA DA ÁFRICA SUBSAARIANA, com destaque para as línguas Bantu de Angola, pela sua predominância numérica, amplitude da

sua distribuição humana e ancianidade em território colonial brasileiro ao longo de três séculos consecutivos.

Ainda trago na memória as palavras do saudoso amigo e notável intelectual angolano Jorge Macedo que, à época, me pareceram proféticas, ao dizer que os angolanos têm razões maiores para se orgulharem da dimensão africana da sua cultura, que se tornou universal, o que não é difícil de comprovar. Quando Eça de Queirós afirmou, certa feita, que o Brasil açucarou a língua portuguesa, poderia ainda ter dito que os angolanos a temperaram com azeite de dendê.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, Said. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora O Livro.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Princípios de Linguística Geral*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.
- CAMPOS, B.F. *Kiela, um jogo de origem africana*. Lisboa: Liv. Bertrand, 1998.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro (Coleção Mineiriana, 2002.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora, 2005.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Os falares africanos na interação social do Brasil Colônia*. Salvador, CEAO/UFBA, 1980, nº 89.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. “A propósito do que dizem os vissungos”. Em *Vissungos, cantos afrodescendentes em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG. 2008
- COELHO, Virgílio. “Em busca de “kábàsá”...” *Estudos e reflexões sobre o Reino do Ndòngò*. Luanda: Organizações Kilombelombe Limitada, 2010.
- FRIEDMANN, Nina. “ Cabildos negros, refugios de africanias en Colombia”. Em *Revista Montalbán*, Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 1988, pág. 52.-

GÄTNER, Eberhard . “Particularidades morfossintáticas do português de Angola e Moçambique”. Em *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa* n.12, págs. 27-58, 1996..

GÜTHRIE, Malcolm . *The classification of the Bantu languages*. Londres: Oxford University Press, 1948.

MACHADO Filho, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

MARQUES, Irene Guerra (1985) “Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola”. Em *Congresso sobre a situação atual da língua portuguesa no mundo*”, *Actas*, Vol.1, Lisboa, ICLP, págs. 243.-251, 1985.

MINGAS, Amélia (2000) *A Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*.Luanda: Campo das Letras, 2000.

PEIXOTO

QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco. A língua dos negros de Tabatinga*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional (2002).

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.

TURNER, Lorenzo Dow. *Africanisms in the Gullah Dialect*. Chicago: Chicago University Press, 2002.

VOGT, Carlos, FRY, Peter . *Cafundó, a África no Brasil: língua e sociedade*. São Paulo: Cia. das Letras; Campinas: Editora Unicamp, 1996.